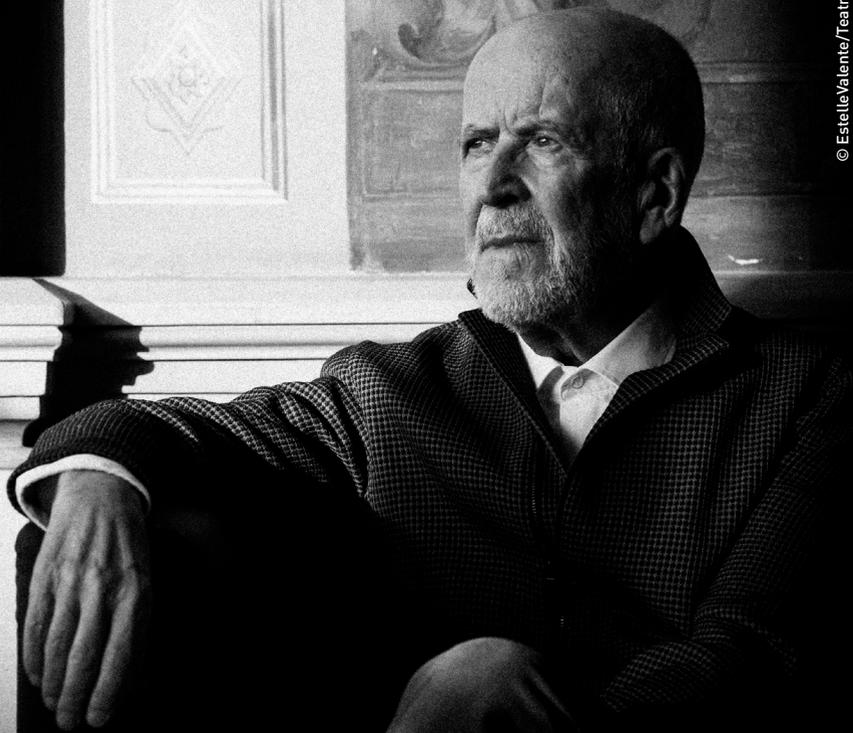


TEATRO VIRIATO



© EstelleValente/TeatroSãoLuiz

14
NOVEMBRO'21

dom 18h00

75 min. aprox. | m/ 6 anos

MÚSICA

local
Sala de Espetáculos

HOMENAGEM
A JORGE
SALAVISA
CONCERTO DE **MÁRIO LAGINHA**

HOMENAGEM A JORGE SALAVISA (1939-2020)

Pouco mais de um ano após a sua morte, o Teatro Viriato organiza uma homenagem a Jorge Salavisa (1939-2020), figura máxima da dança em Portugal, professor, bailarino e diretor do Ballet Gulbenkian e da Companhia Nacional de Bailado, e primeiro diretor do São Luiz Teatro Municipal, em Lisboa, após a sua renovação.

Para muitos, Jorge Salavisa foi um dos nomes maiores da dança contemporânea, tanto a nível nacional como internacional, assim como um dos homens que ajudou a definir a cultura em Portugal e a permitir aos artistas portugueses as melhores condições para se afirmarem.

Nascido em Lisboa, em 1939, Jorge Salavisa iniciou os estudos de dança com Ana Máscolo e prosseguiu a sua formação artística em Paris, com Victor Gsovsky e Lubov Egorova, ingressando a seguir no Grand Ballet du Marquis de Cuevas, onde permaneceu até à extinção dessa companhia, em junho de 1962. Entre 1977 e 1996 foi diretor do Ballet Gulbenkian, companhia que acabou por ser extinta em 2005.

Em 1998, assumiu a direção da CNB, mantendo-se no cargo até 2001. Jorge Salavisa também presidiu ao Organismo de Produção Artística, entidade gestora do Teatro Nacional de São Carlos e da CNB, entre maio de 2010 e janeiro de 2011.



© DR

CONCERTO MÁRIO LAGINHA

O reportório do concerto encomendada por Jorge Salavisa a Mário Laginha, para o São Luiz Teatro Municipal e que hoje apresentamos no Teatro Viriato.

Balada op.23, Chopin

Nocturno op.15, Chopin

Nocturno op.48 n.º 1, Chopin

Prelúdio op. 28 n.º 20, Chopin

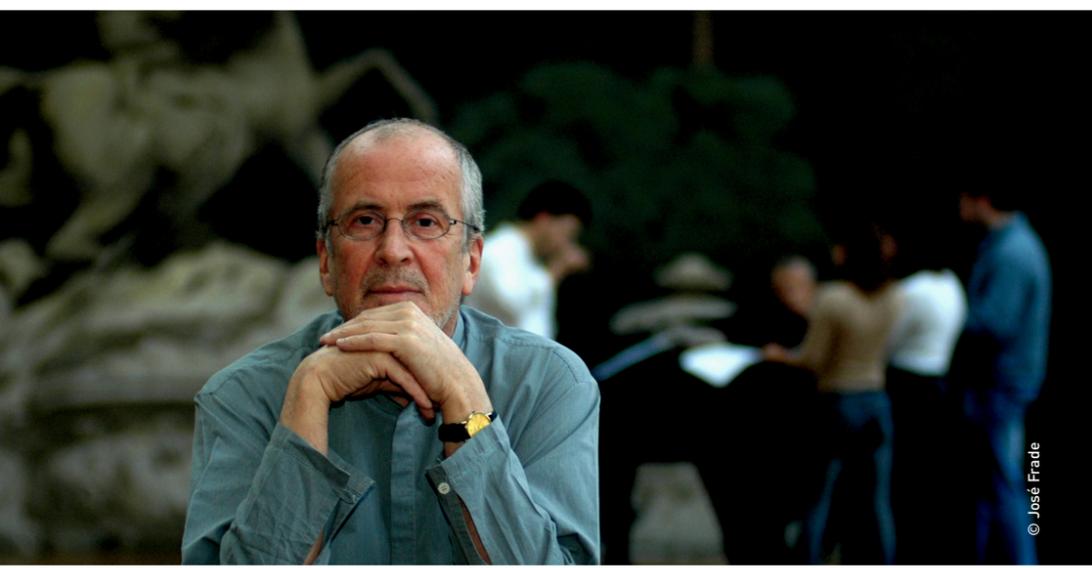
Valsa op. 34 n.º 2, Chopin

Tanto Espaço, Mário Laginha

Um Choro Feliz, Mário Laginha

Com uma carreira de mais de três décadas, Mário Laginha é habitualmente conotado com o mundo do jazz. Mas o universo musical que foi construindo é mais vasto, passando por sonoridades brasileiras, indianas, africanas, pela pop e o rock, e pelas bases clássicas que presidiram à sua formação.

Mário Laginha gravou um único disco a solo, “Canções e Fugas”, mas tem sobretudo partilhado a sua arte com outros músicos e criadores. Desde logo, com Maria João, com quem gravou mais de uma dezena de discos. E também com Pedro Burmester, Bernardo Sasseti, com quem cultivou grande cumplicidade e com músicos excecionais como Trilok Gurtu, Gilberto Gil, Lenine, Ralph Towner, Manu Katché, Dino Saluzzi, Kai Eckhardt, Julian Argüelles, Howard Johnson, André Mehmari ou Django Bates.



© José Frade

A NOSSA HERANÇA*

PATRÍCIA PORTELA

Nunca seremos capazes de ver o fim da nossa história, muito menos aceitar que aqueles que mais amamos e respeitamos poderão partir antes de nós.

Difícilmente conseguimos identificar, no tempo presente, a complexa rede de ligações entre corpos e ideias que nos permitem recomeçar, mudar de direção, crescer. Momentos em que dizemos sim e colocamos uma nova pedra num edifício que outros, anteriores a nós, começaram a construir; um edifício que, acreditamos nós, continuará a ser erguido para além da nossa contribuição.

Esta semana todos os caminhos que partem do Teatro Viriato vão dar a Jorge Salavisa, figura máxima da dança em Portugal, professor, bailarino e diretor do Ballet Gulbenkian e da Companhia Nacional de Bailado, e primeiro diretor do São Luiz Teatro Municipal, em Lisboa, após a sua renovação. Foi com Jorge Salavisa que Miguel Honrado falou primeiro sobre o convite de vir dirigir o Teatro Viriato em 2003. E por sua vez, foi sob a direção de Miguel Honrado que eu fiz a minha primeira itinerância em Portugal e iniciei a história que me traz ao lugar onde estou agora. Foi com o Ballet Gulbenkian que João Fiadeiro, artista residente no Teatro Viriato desde 2017, começou a sua carreira profissional como bailarino e fez a sua primeira obra enquanto coreógrafo. Por sua vez, foram os voos de João Fiadeiro em palco, na primeira “Maratona para a Dança”, e as coreografias ajoelhadas de Vera Mantero que iniciei a minha educação artística. Foi a convite de Jorge Salavisa que Paulo Ribeiro, primeiro diretor artístico do Teatro Viriato, fez a sua primeira peça para o Ballet Gulbenkian. Foi também a seu convite que Paulo Ribeiro e Clara Andermatt coreografaram “Dançar Cabo Verde”, apresentado em 1994 no Coliseu dos Recreios, espetáculo que mudou a minha vida. Foi Jorge Salavisa quem trouxe o “Café Müller”, dançado pela própria Pina Bausch, pouco antes do seu falecimento, uma obra de referência para todas as gerações vindouras, incluindo a minha.

Herdar um lugar como o que agora tenho no Teatro Viriato permite-nos fazer parte de uma história construída por gigantes e celebrar tudo o que esses gigantes fizeram por nós como se fosse nosso, obrigando-nos ainda a tomar consciência de tudo o que ainda há para fazer.

Conhecer e abraçar essa herança é sentirmo-nos parte de algo maior do que nós, maior do que este teatro ou esta cidade, sabendo que o nosso tamanho de bolota vai ter de ser capaz de se tornar num carvalho centenário.

O legado de Jorge Salavisa é um legado que todos temos a obrigação de prolongar, ampliar, desenvolver, mesmo quando todas as forças faltam.

Obrigada, “Príncipe”! Continuaremos sempre a cruzar-nos, mesmo sem o saber.

*Crónica escrita em setembro de 2020, aquando da morte de Jorge Salavisa

IMPrensa



MORREU JORGE SALAVISA: SENHOR EXCÊNTRICO DA DANÇA E DA ARTE DA GENTILEZA

Cláudia Galhós

EXPRESSO, 28 SET'20

Morreu o senhor da dança. Era um senhor, um senhor gentil, excêntrico (“nunca consegui vencer a excentricidade que herdei da minha mãe e das minhas tias maternas”, como escreveu nas suas memórias “Jorge Salavisa – Dançar a Vida”, D. Quixote, 2012) que acarinhou a dança, os bailarinos e os coreógrafos ao longo de toda a sua vida, mesmo depois de uma carreira de bailarino internacional que o levou a conhecer intimamente figuras míticas como Margot Fonteyn ou Rudolf Nureyev, que tratava por Rudi.

Jorge Salavisa dizia frequentemente que, aos 35 anos, deixaria de dançar. E em resposta, Margot Fonteyn dissuadia-o da ideia, elogiando-lhe as qualidades de bailarino. Errou por muito pouco. Dançou em companhias como a do Marquês de Cuevas, o Ballet National Populaire, de Roland Petit (com Jean Vilar ou Zizi Jeanmaire). Em Londres dançou para o London Festival Ballet e o New London Ballet. Quase acertou na idade da reforma de bailarino: tinha 36 anos quando passa a assistente de diretor artístico, em 1975, no New London Ballet.

[CONTINUAR A LER](#)



JORGE SALAVISA, O PRÍNCIPE QUE VIA A DANÇA DOS BASTIDORES

Tiago Bartolomeu Costa

PÚBLICO, 28 SET'20

Jorge Salavisa sabia, “como todos os bons bailarinos”, que “uma boa fotografia para um fotógrafo pode ser uma fotografia desastrosa para eles”. Escreveu-o na sua biografia, Dançar a vida (Dom Quixote, 2015), onde surge uma fotografia, tirada em 1958, então com 19 anos, nos estúdios de Anna Mascolo, preparando-se para executar um movimento de preparação, possivelmente uma pirouette en dedans ou um assemblé soutenu.

Essa imagem de elegância e porte do jovem bailarino haveria de ser reconhecida, anos depois, por Tomaz Ribas no jornal Acção e prometia “ocupar um lugar de destaque, não só dentro da excelente companhia onde está integrado, como também entre os mais jovens bailarinos mundiais”. Quem era este bailarino, português e radicado em Londres que aos 26 anos já dançara na Companhia de Bailado do Marquês de Cuevas, em França, partilhando palco com Rudolf Nureyev, e que já integrara espectáculos de Zizi Jeanmaire e Roland Petit, em Marselha, e dançava agora em Londres, como bailarino principal do London Festival Ballet, companhia de renome que percorria o mundo?

[CONTINUAR A LER](#)



JORGE SALAVISA. UM HOMEM QUE MUDOU A DANÇA EM PORTUGAL

Augusto M. Seabra

PÚBLICO, 28 SET'20

Desde cedo, e não sem isso provocar um pequeno escândalo familiar, o Jorge quis praticar o bailado. Formou-se com a grande pioneira da dança em Portugal, Anna Mascolo, mas neste país, na altura, não existiam grandes companhias de bailado clássico. O Verde-gaio, a companhia oficial fundada por António Ferro, dedicava-se ao folclorismo e aquele que viria ser designado Grupo Gulbenkian de Bailado não era ainda uma companhia de relevo.

[...] No fundo, quase todos os nomes maiores do que a partir da Europália’ 92 se passou a designar por “nova dança portuguesa” — Vera Mantero, Paulo Ribeiro ou João Fiadeiro, etc. — devem imenso à formação e à versatilidade de obras que puderam ter no Ballet Gulbenkian dos tempos de Jorge Salavisa, avultando designadamente a colaboração com dois interessantes coreógrafos: Jiří Kylián e Hans van Manen.

[CONTINUAR A LER](#)

MEMÓRIAS

AIDA TAVARES, diretora artística do Teatro São Luiz «Era a gentileza em pessoa. Aprendi muito com ele. O Jorge era superperspicaz e ligava muito àquilo que sentia na sua relação com as obras e com os artistas. Dizia-me muitas vezes que eu era demasiado racional. Ele tinha uma sensibilidade, que lhe vinha de ser também um artista, que usava como programador. Além disso, era de uma integridade e de uma honestidade incríveis, nunca cedia a nada que não fosse justo. E era o melhor amigo do mundo.»

GRAÇA FONSECA, Ministério da Cultura «O que a dança contemporânea é, hoje, em Portugal tem o cunho muito particular deste artista e pedagogo exemplar. O seu papel à frente do Ballet Gulbenkian e da Companhia Nacional de Bailado fizeram de Portugal um país pioneiro na relação entre coreógrafos, bailarinos e público.»

ISABEL MOTA, presidente da Fundação Calouste Gulbenkian «Destaque para a marca de modernidade que o coreógrafo imprimiu ao Ballet Gulbenkian, onde teve um papel decisivo na vinda a Portugal de alguns dos maiores coreógrafos mundiais da dança contemporânea e na formação de gerações sucessivas de bailarinos e coreógrafos portugueses.»

JOÃO FIADEIRO «Tinha uma sensibilidade e um espírito de abertura únicos, mostrou sempre curiosidade pelo que eu propunha, por mais que o meu campo de intervenção esteja bastante fora da área da especialidade dele. Mas era isso que o caracterizava: nunca deixou que o peso da sua história influenciasse o seu olhar aberto.»

LUÍSA TAVEIRA «O Jorge ensinou-me muito ao longo de todos os anos em que trabalhei com ele. Muitas vezes, quando estou com alguma dúvida, digo para mim mesma: “Como é que o Jorge se livraria desta?” Era o meu grande mestre, o nosso grande mestre. É verdade que conheci outros mestres de bailado com o passar do tempo, mas o Jorge foi uma constante na minha vida.»

MARIA JOSÉ FAZENDA «Era um homem que levava muito a sério o seu trabalho, mas que sabia olhar para si mesmo com leveza. Via-se apenas como uma pessoa no mundo, não se achava tão importante como na realidade era. Não tinha qualquer tipo de vaidade, não procurava elogios, tinha um desprendimento notável.»

OLGA RORIZ «A coisa verdadeiramente extraordinária na sua carreira é este legado indelével que ele deixa na dança portuguesa, há bailarinos na minha companhia que não conheceram pessoalmente o Salavisa, que não privaram com ele, mas que, de certa forma, sentem que ele também fez e faz parte da vida deles. O Jorge era um grande mentor artístico. Era um homem muito belo, sensível, educado, inteligente, sempre cheio de ideias para dar e vender. Era o nosso príncipe, tinha quase esta ideia de realeza na sua forma estética de estar e de se apresentar.»

SOFIA CAMPOS, diretora artística da Companhia Nacional de Bailado «Foi professor, mentor, colega, impulsionador e cúmplice de gerações de bailarinos e gerações de coreógrafos que com ele aprenderam que dançar não é só uma profissão, é uma forma de vida e uma forma de estar no mundo. Sonhou fazer da dança uma arte maior e que a Companhia Nacional de Bailado, que tanto transformou, pudesse ombrear com as melhores companhias de repertório mundiais. Com ele aprendemos a alargar horizontes, aprendemos a falar várias línguas, aprendemos que em cada palco representávamos o melhor de nós. Soubemos sempre que a sua opinião, o seu olhar, a sua palavra amiga, era um incentivo para nos transformarmos, para crescermos.»

VASCO WELLENKAMP «O Jorge é uma figura ímpar na história da dança portuguesa. Quem me dera ele tivesse sido mais participativo nestes últimos anos, a dança está a passar por um tempo de mudanças incertas e precisa de mentes atentas como a dele. Devemos-lhe todos muito, pelo menos uns 50 anos de história.»

Vivace Dão · Quinta do Perdigoão • **Andante** Seridois • **Adágio** Ana Cristina Santos Almeida • Ana Maria Albuquerque Sousa • Ana Paula Ramos Rebelo • Centro de Saúde Familiar de Viseu, Lda. • Conceição e Ricardo Brazete • Fernando Gomes Morais • Fernando Poças Figueiredo e Maria Adelaide Poças • Isabel Pais e António Cabral Costa • Isaias Gomes Pinto • Joana Santareno Ferreira • José Luís Abrantes • Júlia Alves • Júlio da Fonseca Fernandes • Magdalena Rondeboom e Pieter Rondeboom • Maria de Fátima Ferreira • Maria de Lurdes Poças • Marina Bastos • Martin Obrist e Maria João de Ornelas Andrade Diogo Obrist • Né • Nanja Kroon • Paula Costa • Paula Nelas • **Júnior** Gaspar Gomes • Margarida de Carvalho Loureiro • Rafael Cunha Ferreira • E outros que optaram pelo anonimato.

MECENAS



APOIO



APOIO À DIVULGAÇÃO

Patrícia Portela *Direção Artística* • Sandra Correia *Direção Administrativa e Financeira* • Maria João Rochete *Adjunta de Direção* • Carlos Fernandes *Coordenação de Produção* • Gi da Conceição *Produção* • Paulo Matos *Coordenação Técnica* • Nelson Almeida e João Rodrigues *Técnicos de Palco* • Ana Filipa Rodrigues e Isabel Campante *Comunicação e Imprensa* • Teresa Vale *Produção Gráfica* • Gisélia Antunes *Coordenadora de Frente de Casa e Bilheteira* • Susana Cardoso *Assistente de Bilheteira e Comunicação* • **Consultores** Maria de Assis Swinnerton *Programação* • **Colaboradores** António Ribeiro de Carvalho *Assuntos Jurídicos* • José António Loureiro *Eletricidade* • Contraponto *Contabilidade* • José António Pinto *Encarregado da Proteção de Dados* • Info Things *Informática* • Carlos Fernandes e Raquel Balsa *Fotografia de Espetáculo* • **Colaboração Especial** José Fernandes • **Acolhimento do Público** André Rodrigues, Catarina Loureiro, Diana Silva, Filipa Antunes, Francisco Pereira, Joana Silva, João Almeida, José Vaz, Leonor Esteves, Luís Sousa, Natália Rodrigues, Raquel Gonçalves, Roberto Terra, Ricardo Meireles e Sandra Amaral

teatroviriato

estrutura
financiada por:



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA



Próxima Iniciativa



© Tomás Pereira

DANÇA // 19 e 20 NOVEMBRO

SEGUNDA 2

DE PAULO RIBEIRO | PRODUÇÃO COMPANHIA PAULO RIBEIRO
COPRODUÇÃO TEATRO VIRIATO

sex 21h00 e sáb 17h00 | 60 min. | m/ 6 anos

preço A: 10€ (plateia e camarotes) / 5€ (frisas) // descontos aplicáveis

local Sala de Espetáculos